

Eliane Cristine Raab Pires

Oscar Wilde

A tragicidade da vida de um escritor

77

Eliane Cristine Raab Pires

Oscar Wilde

A tragicidade da vida de um escritor



SÉRIE

Estudos

EDIÇÃO DO INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA

Título: Oscar Wilde: a tragicidade da vida de um escritor
Autor: Eliane Cristine Raab Pires
Edição: Instituto Politécnico de Bragança · 2005
Apartado 1038 · 5301-854 Bragança · Portugal
Tel. 273 331 570 · 273 303 000 · Fax 273 325 405 · <http://www.ipb.pt>
Execução: Serviços de Imagem do Instituto Politécnico de Bragança
(grafismo, Atilano Suarez; paginação, Luís Ribeiro;
montagem e impressão, António Cruz; acabamento, Isaura Magalhães)
Tiragem: 200 exemplares
Depósito legal nº 4228747/05
ISBN 972-745-082-2
Aceite para publicação em 2002

Índice

Introdução	9
1 · Perfil biográfico	13
1.1 · Os anos de aprendizagem	13
1.2 · As primeiras conquistas	14
1.3 · As experiências perigosas	16
2 · A pérfida trama do destino	21
2.1 · O processo	21
2.2 · O julgamento	23
3 · O exílio	29
Conclusão	33
Notas	35
Bibliografia	37

Oscar Wilde

A tragicidade da vida de um escritor

Resumo

Este trabalho constitui uma adaptação de um capítulo da tese de mestrado **The Ballad of Reading Gaol**, estudo crítico do original de Oscar Wilde e da versão publicada por W.B. Yeats em **The Oxford Book of Modern Verse** (1936), que foi apresentada à Universidade do Minho, no âmbito do curso de mestrado em Língua, Literatura e Cultura Inglesas, em 29 de Janeiro de 1999. Ao apresentá-lo neste formato, disponibiliza-se aos alunos de literatura inglesa, com o objectivo de enriquecer os conhecimentos, quer a nível da sua formação académica, quer a nível mais abrangente, e de ampliar os seus horizontes no sentido de influenciar positivamente o infinito universo das suas potencialidades intelectuais.

A primeira parte contém dados biográficos de Oscar Wilde, desde a infância até à conquista da celebridade; a segunda relata o processo, o julgamento e a sentença de dois anos de trabalho forçado, como consequência da acusação de sodomia com Alfred Douglas, e o exílio. A conclusão trata a vida de Oscar Wilde, como uma “nova tragédia” em que o escritor vê a sua vida interrompida precocemente, devido a uma condenação social e ao respeito que ele sempre manteve pelos seus princípios e ideais.

Abstract

This work is an adaptation from one chapter of the master's thesis **The Ballad of Reading Gaol**, a critical study of the original version of the novel by Oscar Wilde and of the version by W. B. Yeats (*The Oxford Book of Modern Verse*, 1936). The original thesis was presented on 29 January 1999 in the Universidade do Minho in fulfillment of a requirement of the master degree programme in English Language, Literature, and Culture. This study is now being presented in an adapted format to make it available to the students of English Literature with a two-fold purpose: in the hope of enriching their knowledge of the subject at a more inclusive level; and in the hope of expanding their horizons in the sense of influencing, in a positive way, the infinite universe of their intellectual potential.

The first part contains biographical data on Oscar Wilde from his infancy to the conquest of celebrity status; the second part relates the legal process, his trial and sentence of two years forced labour, in consequence of being accused of sodomy with Alfred Douglas, and his exile. The conclusion treats the life of Oscar Wilde as a "new tragedy" in which the writer sees his life prematurely interrupted due to social condemnation and to the respect which he always maintained for his principles and ideas.

Résumé

Ce travail est une adaptation d'un chapitre de la thèse de *mestrado* équivalent du D.E.A. en France **The Ballad of Reading Gaol**, une étude critique de l'original d'Oscar Wilde et de la version publiée par W. B. Yeats dans **The Oxford Book of Modern Verse** (1936), qui a été présentée à l'Université do Minho à propos du cursus de *mestrado* en Langue, Littérature et Culture Anglaises le 29 janvier 1999. En le présentant sous ce format il sera ainsi disponible pour les élèves de littérature anglaise leur permettant alors d'enrichir leurs connaissances, qu'elles soient du domaine scientifique ou plus générales, et d'augmenter leurs horizons dans l'espoir d'influencer positivement l'univers infini de leurs potentiel intellectuel.

La première partie contient des données biographiques d'Oscar Wilde, depuis son enfance jusqu'à la conquête de la célébrité; la deuxième nous présente le procès, le jugement et la sentence de deux ans de travaux forcés, comme conséquence de l'accusation de sodomie avec Alfred Douglas, et l'exil. La conclusion aborde la vie d'Oscar Wilde comme une "nouvelle tragédie" où l'écrivain voit sa vie précocement interrompue à cause d'une condamnation sociale et au respect qu'il toujours maintenu envers ses principes et idéaux.

Introdução

Ao comemorar o centenário da morte de Oscar Wilde, pode constatar-se que o seu nome, reabilitado da tragédia que o abalou, ficará para sempre marcado na sua obra legada não só aos ingleses, mas à humanidade. A data da sua morte, 30 de Novembro de 1900, hoje é lembrada em efeméride, em contraste com as condições de pobreza e esquecimento em que viveu os últimos dias de vida.

Muito se tem escrito sobre a vida e obra de Oscar Wilde mas, parece não ser demais, para a leitura de textos sobre as grandes personagens da Humanidade e, particularmente das letras, pois é sempre instrutiva e motivadora em si, com força capaz de complementar a formação da mentalidade das gerações presentes e futuras, despertando potencialidades e vocações. Assim, também este texto mais encontra a sua própria justificação.

A história da vida de Oscar Wilde ainda continua deturpada por muitos cronistas cuja visão tem sido obscurecida pelo contágio moral do escândalo vitoriano. Esses, certamente, jamais penetraram, além da barra do tribunal de Old Bailey, os muros cinzentos do cárcere de Reading e se limitaram a ver apenas o triste aspecto de um julgamento criminal, chegando a ponto de sugerir que Oscar Wilde, actualmente, estaria esquecido, não fosse “o escândalo”.

Alguns críticos, também, mostram-se igualmente severos quanto à originalidade do poeta como pensador, admitindo que só nas

comédias é que Oscar Wilde revelou a sua capacidade particular. Sem dúvida, com o teatro Oscar Wilde tornou-se famoso e passou a ocupar um lugar de destaque nas letras inglesas, mas, também, através de seus **Poems**, colectânea em que reúne todas as suas poesias publicadas até 1881, quando ele dirige as suas predilecções criadoras para o teatro e a ficção em prosa.

Mais tarde, ao sair da prisão, uma nova fonte de poesia, originada do sofrimento, brotará e ele nos dará a sua famosa **The Ballad of Reading Gaol**, sem dúvida a sua peça poética mais sincera, mais profunda, mais humana, de uma simplicidade emocionante.

Muitas vezes acreditou-se que Oscar Wilde não tinha uma visão clara e coerente da vida, mas esta opinião faz-lhe injustiça. Oscar Wilde tinha a sua própria filosofia e uma atitude perante a vida que melhor pode ser vista se confrontarmos com Goethe. Se o jovem Goethe dizia que “a beleza é mais que o bem”, Oscar Wilde, que caía muitas vezes no extravagante, adoptou como ideal o belo e o extraordinário, mas não o bem, como enfatizava Goethe. O poeta inglês não levava tão longe as ideias do poeta alemão; o transcendental não era o seu terreno.

O século XIX, cenário de um dos períodos áureos da história da Inglaterra e conhecido como a era vitoriana, estava a terminar para um país que se tornava cada vez mais urbanizado e industrializado. O ambiente vitoriano, cheio de convenções moralistas e sociais, continuava a fingir a natureza inferior humana. A religião, levada muito a sério, ocupava na vida dos ingleses um lugar eminente, nomeadamente da classe burguesa, numerosa e em ascensão. Os aristocratas, grandes proprietários de terra, geralmente cultos e atentos a todos os progressos tinham extrema liberdade de comportamento e de costumes.

Se, até então, o optimismo tinha alimentado o interesse dos vitorianos pelas descobertas científicas e inovações tecnológicas, agora instalava-se nos escritores e artistas um certo pessimismo causado pelos efeitos sociais e psicológicos da Revolução Industrial. Nessa fase de incertezas e inquietações, a década de 1880-1890 foi um período de extraordinária actividade intelectual que abrangeu uma ampla variedade de formas de expressão na literatura e nas artes, de entre as quais o Esteticismo e o Decadentismo. Londres, que era o coração do império britânico, era o centro cultural da Grã-Bretanha com bairros elegantes, mansões senhoriais, salões aristocráticos, que evocam célebres reuniões, clubes e numerosos teatros.

O Esteticismo vai tomar especial expressão com Oscar Wilde que tinha uma percepção ávida e receptiva a todos os estímulos advindos da vanguarda cultural europeia, principalmente da francesa. Ele pregava, aos vitorianos obcecados pelo dever à moral, que a busca do prazer e da beleza era o principal objectivo da vida, que se manifestava na arte. Oscar Wilde, ao transmitir essa sua doutrina, também pretendia chamar a atenção da classe burguesa, quer pela forma de vestir, quer pelos paradoxos com que se comprazia em

escandalizar aqueles que permaneciam nas tradições, baseados nos princípios morais estabelecidos.

O Decadentismo afirma-se com relevo na obra **The Picture of Dorian Gray**, considerado o romance decadentista inglês mais famoso dos anos noventa. Nessa obra, Oscar Wilde assume uma visão clara da nova literatura, liberta de estigmas e de preconceitos. A sua obra **The Picture of Dorian Gray**, que foi criticada principalmente pelos moralistas, continha algo mais que um toque autobiográfico. O autor apresenta a homossexualidade como uma realidade existente no seu país, embora sofresse a camuflagem da mentira e do opróbrio. O livro expunha a hipocrisia da sociedade londrina que vivendo numa das cidades mais imorais, se orgulhava das suas virtudes.

Tudo estava ao alcance de Oscar Wilde – génio, fama, alta posição social, brilho e audácia intelectual. Ele, no entanto, converteu-se no arquitecto da catástrofe que encerrou a sua carreira de autor dramático.

Pretende-se neste trabalho “reler” a história do escritor, numa perspectiva moderna, e propõe-se que seja compreendida como uma fatalidade que se abate sobre aquele que, por imprudência e por loucura, mas também por respeito aos seus próprios princípios, atrai sobre si mesmo a punição. Assim, propõe-se a leitura das suas obras para uma oportuna descoberta de Oscar Wilde como artista de talento que foi, para fazer jus ao escritor que muitos só conheciam ou conhecem apenas pelo escândalo que lhe cerca o nome.

1 · Perfil biográfico

1.1 · Os anos de aprendizagem

The present is of no importance. It is the future that we have to deal. For the past is what man should not have been. The present is what man ought not to be. The future is what artists are¹.

Na Dublin de meados do século XIX, Sir William Wilde era uma personalidade de destaque, célebre pela sua perícia de oculista e oftalmologista (o cargo de cirurgião oculista a serviço da rainha da Irlanda foi especialmente criado em sua honra) e notório pela sua vida amorosa. Ainda assim, o Dr. William Robert Wills Wilde achava tempo para fazer pesquisas sobre antiguidades e folclore irlandês, cujo resultado expôs em seis livros.

Jane Francesca Elgee era alta, elegante e amplamente conhecida em Dublin pelos seus poemas e prosa, pelas suas ideias revolucionárias e pelo nacionalismo irlandês.

O Dr. Wilde tinha 36 anos quando se casou com Jane, de apenas 25. Desta união nasceram três filhos: William, Oscar - aos 16 de Outubro de 1854 e cujo nome completo é Oscar Fingal O'Flahertie Wills Wilde - e Isola.

A casa dos Wilde, em Merrison Square, Dublin, era um

centro aberto aos boémios e literatos. Os boémios, a convite do Dr. William, os outros eram convidados de Jane. Vivendo nesse ambiente em que imperavam a vaidade e a ostentação, Oscar Wilde desde cedo começou a alimentar sentimentos de superioridade.

A paixão de Oscar Wilde pela literatura foi incentivada pela mãe. De 1865 a 1871 frequentou a Portora Royal School, em Enniskillen, tradicional colégio protestante onde estabeleceu as bases de sua formação clássica. Durante os sete anos que ali passou, destacou-se não só pela inteligência mas pelos cabelos compridos, pelas excentricidades das atitudes e das roupas. Em Outubro de 1871, transferiu-se para o Trinity College, em Dublin, onde se distinguiu em estudos clássicos, obtendo uma medalha de ouro. Além das menções honrosas, criou amizade com o professor John Pentland Mahaffy, o maior helenista da época.

Em 1874, Oscar Wilde obteve uma bolsa de estudos no Magdalen College de Oxford, onde repetiu com a mesma facilidade os seus sucessos anteriores, ocupando o primeiro lugar em 1876 e em 1878. O período de Oxford terminou com uma grande vitória: o Prémio Newdigate de Poesia, por seu poema **Ravenna** que ele recitou no teatro da Oxford University em 26 de Junho de 1878. Para além de estar familiarizado com Platão e Aristóteles, era profundo conhecedor das obras de Spinoza, Goethe, Hegel, Renan, Matthew Arnold, Emerson e Baudelaire. Já naquela idade jovem, era um homem de cultura excepcionalmente ampla.

A própria universidade de Oxford achava-se numa efervescência de ideias. A influência predominante sobre os estudantes mais sensíveis e cultos era a de John Ruskin (1819-1900), que fez conferências em Oxford entre 1869 e 1878.

A paixão de Ruskin pela beleza era compartilhada por outro antigo professor, Walter Pater (1839-1894), do Brasenose College, que pregava a “arte pela arte” e que estava destinado a ter uma influência ainda maior sobre a inteligência em formação de Oscar Wilde. Este tomou contacto com o Esteticismo que, na sua própria concepção, abrangia dois princípios fundamentais: em primeiro lugar, o de que a arte apenas se exprime a si própria, não tendo um referente exterior; e, em segundo lugar, que é a vida que imita a arte e não a arte que imita a vida. Em suma, uma teoria que recusa a existência de qualquer comprometimento moral, de qualquer função social da arte.

1.2 · As primeiras conquistas

De Oxford foi para Londres onde permaneceu, apresentando-se em público de forma extravagante, com cabelos encaracolados, casaco de veludo, calções, camisa larga de colarinho baixo. As suas gravatas eram de cores fortes e vistosas. Na lapela colocava um cravo;

outras vezes, levava na mão um girassol ou um lírio. Foi um *dandy* receptivo a todos os estímulos provenientes da vanguarda cultural europeia em geral. Seguiu a francesa em particular. Foi, todavia, diferente e o único que levou realmente a sério o Dandismo. A sua maneira de vestir exprimia empenho total, e o cravo verde, com conotação decorativa, tinha sobretudo um carácter confessional. Personificou de tal modo o dandismo que este “played a great part in Wilde's determination to stand in symbolic relationship to his age” (Murray, 1993: 63).

Para Oscar Wilde era muito mais importante o papel público e activo do artista, em que a “voz” e a presença física fossem componentes essenciais da arte, por isso, “He acquired many voices, personae and masks, which enable him to operate across a wide range of tones” (Raby, 1988: 6).

Graças a algumas amizades, como a do duque de Newcastle e da duquesa de Westminster, Oscar Wilde penetrou na alta sociedade, apesar de não ter o dinheiro suficiente para manter o ritmo de elegância e brilho social. Nesse ambiente, conheceu a deslumbrante Lily Langtry, famosa em Londres pela sua beleza. Através dela viveu sua primeira grande aventura em busca do belo e do amor.

Em 1880, para poder manter-se no ambiente de que gostava, escreveu uma peça **Vera** ou **The Nilists**, sobre o niilismo russo², que não teve repercussão.

Oscar Wilde tornou-se uma figura de grande evidência na sociedade londrina, onde chegou a ser caricaturado na revista *Punch*, que, como porta-voz da opinião da classe média, se adiantou na campanha contra o ridículo dos esteticistas. As sátiras a este movimento ampliaram-se aos palcos londrinos, sendo a mais famosa a peça *Patience* (1881), de Gilbert e Sullivan (que faziam parte do chamado Movimento Estético).

Em Julho de 1881, publicou a colectânea **Poems**, que recebeu consagração do público. **The Garden of Eros** o poema mais esteticista, em que invoca Keats, o seu poeta preferido, Shelley, Morris Rosseti e Swinburne.

Numa conferência em Dublin conheceu Constance Lloyd, mulher bela e única herdeira de uma considerável fortuna. Em 29 de Maio de 1884, Oscar Wilde e Constance casaram-se na Igreja de St. James em Paddington. Do matrimónio nasceram dois filhos, Cyril (1885) que morreria na Primeira Guerra Mundial e era o favorito de Oscar Wilde, e Vyvyan (1886) que, sessenta anos mais tarde, viria a orientar a publicação do texto integral de **De Profundis** que, apesar do seu valor literário, é simplesmente uma imensa carta que Oscar Wilde dirigiu da prisão a Alfred Douglas, o homem por cuja causa sua vida se arruinou.

De 1882 a 1888 Oscar Wilde pouco escreveu que atraísse o público. Neste período de tempo, fez ciclos de conferências nos Estados Unidos, em seguida, dirigiu-se para o Canadá, visitando Quebec, Montreal e Toronto. Em Paris, conheceu muita gente impor-

tante como Sarah Bernhardt que demonstrou simpatia e admiração pelo visitante. Também o pintor James McNeil Whistler teve uma impressão muito favorável do poeta.

Em 1888, apareceu a sua primeira coleção de contos **The Happy Prince and Other Tales**. Neste mesmo ano, conheceu William B. Yeats. Em **Memoirs**, Yeats recorda como se encontrou pela primeira vez com Oscar Wilde:

I remember that he seemed to think that I was alone in London, for he asked me to eat my Christmas dinner at his house I was delighted by his pretty wife and children, and his beautiful house designed by Godwin. ... it was the man I admired, who was to show so much courage and who was so loyal to the intellect. ... (Donoghue, 1990: 21 - 22).

Yeats ficou a tal ponto impressionado com esse primeiro encontro, que enfatiza em **Autobiographies**: “I never before heard a man talking with perfect sentences, as if he had written them all overnight with labour and yet all spontaneous” (Yeats, 1989: 130).

Em Julho de 1889, Oscar Wilde escreveu **The Portrait of Mr. W.H.**, obra mais de ficção do que propriamente um ensaio, baseada num mistério criado em torno do protagonista e do autor dos Sonetos de Shakespeare e que lhe deu ensejo de defender a homossexualidade. No Verão do mesmo ano, conheceu o poeta John Gray³ por quem nutria admiração e que seria o seu amigo preferido até 1892.

1.3 · As experiências perigosas

Oscar Wilde conheceu Robert Ross em 1886, em Oxford, e logo em seguida, levado por ele, iniciou as “experiências” homossexuais que se tornariam um hábito.

A partir de 1890, Oscar Wilde envolveu-se progressivamente na homossexualidade. O problema da natureza sexual ambígua de Oscar Wilde é certamente complicado pelo facto de ele se ter apaixonado pela bela atriz Lily Langtry. Amigos pessoais de Constance e Wilde, também afirmavam que o casal parecia apaixonado, e que Oscar Wilde, em especial, era muito feliz. Não verdade, como frequentemente têm dito, que o escritor, imediatamente após o casamento, aceitou o cargo de director da revista feminina *Woman's World*, para poder suportar a sua vida de casado. Constance Lloyd só descobriu a homossexualidade do marido em 1895, quando o caso foi revelado.

O ano de 1890 marcou também o início de uma produção literária mais intensa. Colaborou em diversas revistas de projecção e escreveu o romance **The Picture of Dorian Gray** (Junho de 1890) para a *Lippincott's Magazine*, que foi publicado em volume em Março do ano seguinte.

The Picture of Dorian Gray⁴, o seu único romance, relata

a história de um belo jovem, Dorian Gray, que é retratado pelo pintor Basil Hallward. Lord Henry Wotton, um intelectual e amigo de Hallward, vê o quadro de Dorian, no gabinete deste seu amigo, e verifica que o jovem é tão belo no quadro como na realidade. Henry passa a fazer de Dorian um instrumento das suas teorias, que pretendia que fossem esteticistas, sugerindo-lhe que experimentasse novas sensações. Dorian cai completamente sob o encanto do homem mais velho. Pouco a pouco, segue uma vida dupla: cultuava a beleza a par do prazer do sexo e da droga. Apresenta uma face respeitável à sociedade, mas oculta uma vida de pecado; a sua personalidade pública é apenas uma máscara. Esta obra foi severamente criticada e considerada envenenadora de costumes por apresentar claramente o tema do homossexualismo.

Na vida e na arte, Oscar Wilde iniciou uma fase nova, mas sombria. Se na vida se intensificou o seu homossexualismo, na arte, como uma premonição, fá-lo criar a personagem de Dorian Gray. O escritor estava ciente de que se reflectia neste romance, como afirmou: “Basil Hallward (the painter of Dorian’s portrait) is what I think I am: Lord Henry what the world thinks of me: Dorian what I would like to be - in other ages, perhaps” (Beckson, 1992: 48). Basil Hallward nutria por Dorian um amor altruísta e desinteressado, como viria a acontecer entre Wilde e Douglas. Lord Henry, o corruptor do jovem e mais velho do que este, era como a sociedade julgava Oscar Wilde; e Dorian, jovem e aristocrata, seria Douglas, que apareceu na vida do escritor aos vinte e um anos. Com esta ficção, Oscar Wilde insistia no seu conceito da vida a imitar a arte.

O ano de 1891 foi decisivo na vida de Oscar Wilde. Esqueceram-se as críticas ao seu aspecto extravagante para se assistir ao desabrochar de um escritor de talento. Os meios preconceituosos passaram a recebê-lo pelas suas extraordinárias capacidades. No mesmo ano, surgiram, com alguns acréscimos, as obras: **Intentions**, contendo quatro ensaios: *The Decay of Lying*, *Pen, Pencil and Poison*, *The Critic as Artist* e *The Truth of Masks*; **A House of Pomegranates**, com quatro contos: *The Young King*, *The Birthday of Infant*, *The Fisherman and His Soul* e *The Star-Child*; e finalmente, **Lord Arthur Savile’s Crime**.

Em *Fortnightly Review*, revista dirigida pelo seu amigo Frank Harris⁵, foi também publicado o seu artigo *The Soul of Man under Socialism*, no qual defende um socialismo que libertaria o povo da “sordid necessity of living for others” (Murray, 1990: xiv), ou seja, um homem livre da pobreza, da punição, do governo, da autoridade, da propriedade, poderia alcançar a verdade e a beleza. Oscar Wilde acreditava que o ser humano podia expressar o seu verdadeiro “eu”, tornando-se livre de todas as convenções. Ele apresenta uma sociedade utópica e uma ideia diferente do tradicional colectivismo socialista.

E foi precisamente em 1891, no lançamento de **The Picture of Dorian Gray**, a história fantástica de uma existência dupla na doce vida da alta-rodada, que Oscar Wilde foi apresentado a Lord Alfred Douglas, o jovem que causaria a sua derrocada. Um jovem poeta,

Lionel Johnson, trouxe a Tite Street, para conhecer Oscar Wilde, o estudante universitário, Lord Alfred Bruce Douglas, filho mimado de sua mãe e fonte de irritação para seu pai, o oitavo marquês de Queensberry. Enquanto a mãe e os demais filhos viviam aterrorizados com a agressividade do pai, Alfred desafiava-o e ridicularizava-o frontalmente. Esta atitude enfurecia o marquês, que passou a odiar o filho.

Oscar Wilde desde logo sentiu atracção por Douglas, devido às qualidades que este possuía: era jovem, belo, pertencia a uma família aristocrática e, embora com apenas vinte e um anos, queria ser poeta⁶; escrevia sonetos, a forma poética que mais atraía Wilde, e que lhe deu fama entre os poetas menores. Douglas foi, assim, visto à luz de um ideal: “C’était un transfert poétique comme s’il était l’image d’une de ces divinités grecques échappée d’une civilisation qu’il chérissait pour choir dans une qu’il m’prisait” (*Magazine Littéraire*, 1996: 32).

Oscar Wilde tinha a independência mental que o tornava um homem capaz de brincar com as ideias, por mais ortodoxas que elas fossem, sem se sentir ultrajado nos seus princípios morais, artísticos ou profissionais. Era tolerante, fácil de levar, tinha um espírito afável e mesmo complacente.

O carácter de Douglas diferia em muitos pontos do de Oscar Wilde. Em lugar da afabilidade irlandesa, tinha um temperamento rebelde e rancoroso. Distinguia-se, no dizer de Frank Harris, por uma aristocrática insolência. E, segundo o próprio Oscar Wilde, sobrecarregava-o a terrível herança do temperamento dos Douglas. Não lhe faltava, porém, certo encanto, nos seus momentos simpáticos e na sua aparência de beleza juvenil, exaltada por todos os que o conheceram.

Durante um período de alguns anos, Oscar Wilde e Douglas tiveram uma ligação estranha e desconfortável. Muitas vezes as turbulências de Douglas, as suas fúrias incontroláveis, levaram Oscar Wilde a querer romper uma amizade que o torturava de modo intolerável. Tal era a força do vínculo entre eles que Oscar Wilde acabava por se impor a si mesmo a pena de esquecer e de perdoar.

Oscar Wilde, incentivado por George Alexander (1858-1919), do St. James's Theatre de Londres, começou a dedicar-se seriamente ao teatro⁷. Embora tivesse tido alguns fracassos anteriormente, retomou a ideia de ser famoso como dramaturgo. Alexander adiantou-lhe cem libras, e Oscar Wilde partiu para a Escócia, de onde regressou com o texto de **Lady Windermere's Fan** (1892), que obteve sucesso na sua estreia no St. James's Theatre de Londres. Feliz pelo êxito alcançado escreveu **Salomé**⁸ (1893), a única obra de um dramaturgo inglês escrita em francês. A actriz para quem a peça foi escrita, Sarah Bernhardt, ia representá-la em Paris. Entretanto, nas vésperas da estreia, a censura proibiu o espectáculo. Só em 1896 a actriz pôde representar esta peça nos palcos franceses.

A Woman of No Importance, a segunda comédia de Oscar Wilde, obteve um enorme sucesso na sua estreia, no Verão de 1893.

Foi encenada pela Companhia de Beerbohm Tree, no teatro Haymarket, em Londres. No Outono desse mesmo ano, Oscar Wilde trabalhou numa nova comédia de costumes, **An Ideal Husband** que foi levada à cena em 3 de Janeiro de 1895 no Haymarket Theatre. Com o êxito desta peça e com outra a ser ensaiada, **The Importance of Being Earnest**⁹ (1895), Oscar Wilde partiu para o Norte da África, em férias. Em Blidah, Argélia, Oscar Wilde reencontrou o poeta francês André Gide (o primeiro encontro tinha ocorrido em 1891). Este reencontro foi um dos mais importantes acontecimentos na vida de Gide, que diz: “for the first time he found himself confronted with a man who was able to bring about, within him, a transmutation of all values - in other words, a revolution” (Gagnier, 1991, p. 49).

2 · A pérfida trama do destino

2.1 · O processo

John Sholto Douglas, Marquês de Queensberry, o perseguidor de Oscar Wilde, trazia consigo um passado pesado: a morte do filho mais velho e de um irmão querido; a hostilidade das duas esposas e a má conduta do filho, Lord Alfred Douglas. No final de 1892, surpreendeu Alfred em companhia de Wilde no Café Royal e ficou irritadíssimo. Em Abril de 1894, escrevia ao filho, ameaçando-o: “If I thought the actual thing was true, and it became public property, I should be quite justified in shooting him [Wilde] at sight” (Harris, 1992: 110).

Apesar destas ameaças, Alfred não rompeu com Oscar Wilde. O pai, enfurecido, chegou a apresentar-se na casa deste acompanhado de um pugilista; como esta tentativa não surtiu efeito, ameaçou o filho de lhe cortar a mesada. A resposta deste não foi menos agressiva:

I shall defend myself with a loaded revolver, which I always carry; and if I shoot you or if he shoots you, we shall be completely justified as we shall be acting in self-defence against a violent and dangerous rough, and I think if you were dead many people would not miss you (Ibidem: 111).

Impelido por um ódio renovado, o marquês determinou-se a destruir a nova peça de Oscar Wilde, **The Importance of Being Earnest**. Reservou um lugar para a noite de estreia, a 14 de Fevereiro de 1895, com a clara intenção de estragar o espectáculo, pretendendo jogar um “ramo” de cenouras e nabos contra o autor se este fosse chamado no final da apresentação. Porém, foi-lhe negada a entrada. Decepcionado, apareceu quatro dias depois no Clube Albemarle, que Oscar Wilde frequentava, e entregou ao porteiro um cartão de visita com o seguinte: “To Oscar Wilde posing as a *somdomite*”¹⁰ (*Apud* Beckson, 1992: 215). Ao recebê-lo, dez dias depois, Oscar Wilde, embora indignado, não pensou tomar quaisquer medidas. Incitado por Douglas e contra o conselho dos amigos, apresentou queixa ao tribunal, por injúria e calúnia.

Oscar Wilde foi portador de uma concepção estética que deu resposta a uma necessidade cultural própria da época havendo uma correspondência perfeita entre ambas. Estava no auge da sua carreira; tinha tudo ao seu alcance. Contudo, demoliu as colunas de sua própria fama e sucumbiu sob as suas ruínas num curto espaço de tempo. À semelhança dos heróis gregos que tão bem conhecia, apresentou-se como um homem apanhado nas ciladas de uma vontade alheia à sua, que o dominava inteiramente, a ponto de o impedir de cumprir todos os compromissos que a si mesmo impusera: até o maior, com a arte. Douglas seria o instrumento desta fatalidade. Anos mais tarde, Oscar Wilde comentaria com Frank Harris o domínio que Douglas exercia sobre ele:

He frightened me, Frank, as much as he attracted me, and I held away from him. But he wouldn't have it; he sought me out again and again and I couldn't resist him. That is my only fault. That's what ruined me. He increased my expenses so that I could not meet them; over and over again I tried to free myself from him, but he came back and I yielded - alas (Harris, 1992: 88)!

Queensberry, acusado de difamação num tribunal de polí-cia, foi intimado a apresentar-se a julgamento no tribunal de Old Bailey. E, enquanto procurava provas para preparar a sua defesa, colocando detectives para investigar a vida íntima de Oscar Wilde, este, irresponsavelmente, partiu para o sul da França com Bosie (derivado de “Boysie”) alcunha dado a Alfred Douglas por sua mãe.

Yeats estava em Sligo, Irlanda, quando viu o anúncio da acção judicial contra Queensberry. Recordando a pessoa de Oscar Wilde com consideração e respeito, acreditava na sua inocência: “I considered him essentially a man of action, ... and I was certain that guilty or not guilty, he would prove himself a man” (Yeats, 1989: 285).

O processo contra Queensberry iniciou-se na manhã de 3 de Abril de 1895. Dois dias depois, em resultado da posição privilegiada do réu, o seu advogado Sir Edward Clark, retirou a acusação; o aristocrata foi absolvido quase por unanimidade. A imprensa felicitou

o defensor, “pour avoir abattu le grand prêtre des décadents, l’obscène imposteur” (*Magazine Littéraire*, 1996: 34).

Oscar Wilde, em vez de viajar para o continente, como aconselharam os amigos, recusou-se a partir. O escritor não partiu em consequência da promessa feita à sua mãe. No dia em que deveria partir, foi detido no Cadogan Hotel, em Sloane Street, com base nas provas reveladas no julgamento do marquês de Queensberry. Levaram-no para a prisão de Holloway onde ficaria um mês. Entre a sua prisão e o julgamento, em Old Bailey, foi declarada a sua falência e o conteúdo da casa de Tite Street foi vendido em hasta pública.

Oscar Wilde, ao tempo da sua queda, era um homem de sociedade, mais orgulhoso dessa qualidade do que da de homem de letras. Convivia com os que eram ainda chamados “a melhor gente” e o seu encanto estava acima de discussão; os anfitriões haviam-se habituado a considerar a sua presença como garantia do sucesso das suas festas e jantares. Estavam todos de acordo, mesmo o seu mais rancoroso inimigo, o marquês de Queensberry, quanto ao encanto da sua companhia.

Frank Harris declarou que, se lhes dessem a escolher, entre os grandes intelectos de todos os tempos, um companheiro para uma noite, escolheria Oscar Wilde:

I would rather have him back now than almost anyone I have ever met. I have known more heroic souls and some deeper souls; souls much more keenly alive to ideas of duty and generosity; but I have known no more charming, no more quickening, no more delightful spirit (Harris, 1992: 320).

2.2 · O julgamento

O julgamento mais célebre da era vitoriana foi, sem dúvida, o de Oscar Wilde e a sua condenação por homossexualidade: um dos casos, mais hipócritas de que há memória, numa altura em que proliferavam os bordéis masculinos, para além de se verificar um surto nunca igualado de sífilis.

Neste julgamento célebre e tantas vezes contado, subsistem as consequências nefastas do puritanismo na civilização burguesa e cristã do Ocidente. No preciso momento de ruptura de uma sociedade em crise, seria preferível diagnosticar e analisar mais de perto os seus problemas do que procurar refúgio numa atitude arbitrária, mesmo que justificada. Da condenação de um escritor à prisão iria nascer o escândalo vitoriano.

No dia 26 de Abril de 1895, começou o primeiro julgamento, que durou cinco dias. O marquês fez Oscar Wilde sentar-se no banco dos réus, agora com uma coincidência nefasta: o facto de que aquele que ia persegui-lo mais de perto era o seu antigo condiscípulo Carson, que nunca iria perdoar o seu brilho no colégio nem a corte de admiradores que o rodeava.

Oscar Wilde despertou risos na sala, como se estivesse ele próprio a representar uma das suas peças de teatro. Esse homem tão espiritual e profundamente inteligente cometeu a crâncice de se rejuvenescer dois anos quando forneceu, os seus dados pessoais. Esta frivolidade funcionaria contra ele, pois a mentira, para a mentalidade anglicana, é um dos mais terríveis pecados.

Quando os testemunhos dos cúmplices, dos que foram pagos e dos chantagistas, foram apresentados, Carson continuou o interrogatório à sua vítima e foram lembrados todos os relacionamentos de Oscar Wilde com homens.

A isto escapou Alfred Douglas, que deveria, como é lógico, ter sido detido com Oscar Wilde desde o primeiro processo. Porém, o advogado deste recusou ao jovem a alegria de vir à barra do Tribunal “arrastar o pai na lama”, o único objectivo de Bosie quando obrigou Oscar Wilde ao processo.

No dia 3 de Maio, à falta de uma decisão do júri, foi concedida liberdade a Oscar Wilde, sob fiança. Os seus amigos prepararam-lhe a fuga para França e Harris chegou a ter um iate pronto no Tamisa, mas Wilde preferiu entregar-se à fatalidade.

O seu comportamento e a sua recusa em fugir ao castigo eram incompreensíveis para todos os seus amigos, excepto para Yeats, que não concordava com a sua fuga, “No, I certainly do not think that he should run away, ...” (Yeats, 1989: 288). A única saída possível para Oscar Wilde era sempre a mesma: devia esperar pelo fim e continuar em Londres, “to stand the music like Christ” (*Ibidem*: 288). Nesta resignação pairava a sombra de sua mãe, Lady Wilde, cuja opinião era de que o filho devia ficar e enfrentar o julgamento: “If you stay, even if you go to prison, you will always be my son. It will make no difference to my affection. But if you go, I will never speak to you again” (*Apud* Ellmann, 1987: 439).

Alguns citam esta atitude, como acto de coragem; André Gide (1869-1951) diz a esse respeito:

Oscar Wilde fut le premier martyr de l’homosexualité celui qui *voulut* le tragique de sa destin e, qui voulut aller aussi loin que possible. Mais un martyr *masqué* - provoquant le procès qui fit sa ruine, ridiculisant l’hipocrisie victorienne mais n’avouant jamais (*Magazine Littéraire*, 1996: 39).

Contudo, em **De Profundis**, Oscar Wilde alega que foram as más condições económicas que o impediram de deixar o hotel.

Oscar Wilde foi vítima da sua paixão por Douglas, não sabia conter-se perante os desejos ilimitados de um jovem para quem o prazer era o principal objectivo na vida. Por esse prazer Wilde perdeu até a sua biblioteca, composta de livros raros; aliás, por excesso de gastos, perdeu tudo que tinha adquirido através dos anos e causou à mulher o desgosto de ver tudo ser retirado de casa, inclusive os brinquedos dos próprios filhos.

Em **De Profundis**, Oscar Wilde culpa-se por se ter envolvi-

do numa questão jurídica para a qual não estava preparado. Numa época em que a moral dos costumes tinha a maior repercussão, não era possível furtar os culpados ao escândalo causado pelo facto de um homem mais velho ter uma relação amorosa com um mais jovem. Estava claro para a sociedade que o culpado era Oscar Wilde, pela sua vida e também pela sua obra **The Picture of Dorian Gray**, que era o espelho do Decadentismo e que prenunciava a sua homossexualidade.

Talvez nesta conformação inexplicável tivesse havido a necessidade de representar um papel. Oscar Wilde era um homem de teatro, no entanto, foi sincero e profundo neste momento em que desconcertou e decepcionou os amigos íntimos. Por outro lado, reviveu, neste drama pessoal, o exemplo paterno que lhe marcara a infância.

O escritor tinha dez anos, quando Sir William Wilde, médico famoso, foi acusado num processo judicial. Uma sua doente, Mary Travers, publicara panfletos onde contava como ele a violara sob a acção de clorofórmio e reclamava 2000 libras por perdas e danos. Foi-lhe concedido um pagamento simbólico; porém, as despesas do processo custaram ao médico muito dinheiro e mais ainda, a perda da sua reputação.

Os dois processos coincidiram no castigo que recaiu sobre a vítima e a sua família. Sir William não foi para a prisão, mas perdeu a sua fortuna; como Oscar Wilde, mais tarde, também tinha dois filhos cuja infância e cuja vida foram marcadas por esse facto.

A 7 de Maio, Oscar Wilde voltou a comparecer no tribunal. Posto em liberdade, refugiou-se em casa de seu irmão Willie. No dia 20, iniciou-se a fase de revisão do processo em Old Bailey perante o juiz Wills e doze jurados.

A 25 de Maio, começou a verdadeira glória de Oscar Wilde com a sua degradação aos olhos do mundo e dos homens, quando o juiz pronunciou estas palavras:

I shall, under such circumstances, be expected to pass the severest sentence that the law allows. In my judgement it is totally inadequate for such a case as this. The sentence of the court is that each of you be imprisoned and kept to hard labour for two years (Ellmann, 1987: 449).

“My God! My God!” exclamou Wilde (*Ibidem*: 449). Porém, fora do tribunal, a sentença provocou contentamento: “the harlots danced on the pavement” (Yeats, 1989: 291). Charles Brookfield e Charles Hawtrey, que tinham actuado em **An Ideal Husband**, ofereceram um jantar a Queensberry para celebrar o seu triunfo. Afinal, estes dois actores sempre haviam invejado o escritor, e tinham agora uma oportunidade de lançar o objecto da sua aversão na lama.

No dia 27 de Maio, Oscar Wilde foi conduzido à prisão de Pentonville, donde passou, dias depois, para a de Wandsworth. Aqui os primeiros meses foram tão difíceis que pensou não ser capaz de suportar os sofrimentos. A vida confortável e luxuosa a que se havia

acostumado não o tinha preparado para os rigores da prisão e dos trabalhos forçados. Todavia, o mais assustador era o silêncio insuportável numa solidão que o poderia arrastar à loucura. Os seus amigos - com excepção de Alfred Douglas - fizeram o possível para ajudá-lo.

O horror da prisão já muitas vezes foi descrito. As humilhações que um poeta foi obrigado a sofrer ao passar um dia inteiro a água e a pão seco num calabouço, só porque outro prisioneiro lhe segredara no recreio uma palavra de compaixão; ou porque com febre e obrigado a levantar-se, desmaiou, ficando, ao cair, ferido numa orelha, sem sensibilizar qualquer guarda.

O advogado R. H. Haldane, que se havia interessado por ele, conseguiu então a sua transferência para a prisão de Reading, onde se acreditava haver melhores condições para os detidos. No dia 13 de Novembro, Oscar Wilde foi levado de comboio, com outros prisioneiros, da enfermaria de Newgate para a prisão de Reading, onde ficaria até ao final da sua sentença. Esteve no cais da estação de Clapham meia hora, e aí foi alvo de curiosidade e de alguma troça por parte dos passageiros.

Esgotado o primeiro ano de prisão, vários dos seus amigos continuavam a multiplicar-se em iniciativas destinadas a conseguir-se uma redução de pena, mas tudo em vão. À cabeça desta campanha estava More Adey, crítico de arte e tradutor de Ibsen.

Em Reading, só pouco antes do final da pena lhe foi permitido ter papel, tinta e caneta. Forneceram-lhe então folhas do papel azul regulamentar da prisão, com o selo das Armas Reais. Depois de preenchida uma folha, esta era retirada e substituída por outra. Foi assim que Oscar Wilde escreveu **De Profundis**, em que relata a sua relação com Douglas, o julgamento e a completa viragem, social e financeira, que para ele significou a prisão.

De acordo com o regulamento das prisões, o que um prisioneiro escrevia não podia sair, excepto as cartas, que eram cuidadosamente examinadas pelas autoridades prisionais. No entanto, o major J. O. Nelson, que fez o possível para tornar a vida de Oscar Wilde mais suportável, ignorou as normas e devolveu-lhe o manuscrito de **De Profundis**.

Oscar Wilde foi secretamente transferido de Reading para a prisão de Pentonville, na tarde de 18 de Maio e posto em liberdade a 19 de Maio de 1897, depois de assinar documentos que o privavam dos seus direitos de pai. More Adey esperava-o à saída para o levar até à casa de uma amiga comum. Tratava-se da Mrs. Ada Leverson, a quem o escritor chamava “The Sphinx” desde que a tinha conhecido dois anos antes da publicação da sua obra **The Sphinx** (1894). Era esposa de um comerciante de considerável fortuna. Mais tarde, Mrs. Leverson tornou-se uma romancista de sucesso.

Deste período ficaram em Oscar Wilde marcas profundas; estava simultaneamente enriquecido e devastado e nunca mais voltaria a ser o “querido e adorado Oscar”, agora era “o C.3.3”¹¹, o número

da sua cela da prisão de Reading. O número “C.3.3.” tinha-o afastado para sempre dessa identidade. Ia continuar a representar os piores papéis (de homossexual e alcoólico); no entanto, o sofrimento havia-o despertado para si próprio.

3 · O exílio

Quando Oscar Wilde saiu da prisão percebeu que aqueles dois anos tinham sido apenas um período preliminar de sua punição. Cumpriria pena de ostracismo pelo resto da vida. Todavia, trazia consigo idealizada a imortal **The Ballad of Reading Gaol**, a sua obra-prima. Após uma brilhante carreira, ferido no íntimo da alma, pouco mais produziu.

Passa rapidamente por Londres e sob o nome de Sebastian Melmoth¹² chega a Dieppe, na França, donde se transfere para a aldeia de Berneval e aluga um chalé, Bourgeat, junto à praia.

Para se distrair voltou a trabalhar. Escreveu para o *Daily Chronicle*, em 28 de Maio de 1897, um artigo em que acusava a sociedade, não por aquilo que o tinha feito sofrer, mas pelo que faz sofrer todos os dias às crianças. É significativo que o seu tema de reflexão seja a infelicidade da criança. É que a prisão liga, pela dependência e humilhação, o adulto à criança. A emoção que as suas revelações provocaram contribuiu para humanizar o sistema penitenciário. Deve ter sido com satisfação que Oscar Wilde recebeu, dois anos antes da sua morte, a notícia de que algumas melhorias por ele sugeridas tinham sido incorporadas no decreto-lei prisional, que depois passou a lei.

Começou a escrever a **Balada** e, depois de muitas cartas e telegramas, acabou concordando em encontrar-se com Bosie: tomou

um comboio para Nápoles e, após uma curta permanência no Hotel Royal, alugou uma casa em Posillipo, a Villa Giudice, onde viveu com Alfred três meses.

Enquanto estava em Posillipo, Oscar Wilde procurou complementar e revisar a **Balada**, o poema dedicado à memória de C. T. W., durante algum tempo soldado da Guarda Real Montada, morto na prisão de Reading a 7 de Julho de 1896. Escrita numa linguagem simples e com frases curtas, a Balada impressiona por um realismo vivo, no qual é descrito o horror dos condenados em suas celas. De toda a obra poética de Oscar Wilde é a peça mais conhecida, mais lida, mais apreciada.

Como nenhuma firma respeitável quisesse editá-lo, o poema foi entregue a Smithers- que traficava com livros de pornografia e “publicava tudo aquilo de que os outros tinham medo”. A obra foi impressa sem o nome do autor. As duas primeiras edições, de oitocentos exemplares, esgotaram-se rapidamente.

Em Dezembro de 1897, abandonado por Douglas, Oscar Wilde volta a Paris, onde se aloja no Hotel de Nice, da Rue des Beaux-Arts.

Na primavera de 1898, Oscar Wilde soube da morte de Constance e, o círculo de amizades diminuía cada vez mais. As pessoas respeitáveis sentiam-se ofendidas por sua embriaguez e outros hábitos.

No Outono 1900, depois de uma temporada em Roma e na Sicília, o escritor começa a queixar-se de fortes dores de cabeça, que, com o passar dos dias, pioraram até se tornarem insuportáveis.

A 10 de Outubro, daquele mesmo ano, o escritor foi operado pelo médico Tucker, seu compatriota, sem grande êxito mas, serviu para amenizar as dores. A sua situação continuava delicada e, alguns dias depois, o abscesso do ouvido provocou uma inflamação no cérebro.

No dia 30 de Novembro entrou em coma, ficando inconsciente. O seu amigo Robert Ross chamou o sacerdote Cuthbert Dunne que pertencia à Congregation of Passion, de Dublin, ligada naquela altura à Saint Joseph's Church, na Avenue Hoche em Paris. Este sacerdote ministrou-lhe o baptismo e a extrema-unção, pois o seu último desejo era ser recebido no seio da Igreja Católica. Às duas horas dessa tarde morria de meningite.

O serviço fúnebre realizou-se em Saint-Germain-des-Prés. O cortejo entrou na igreja por uma obscura porta lateral. Os sinos não repicaram. Foi celebrada uma missa simples e os seus restos mortais foram levados para o cemitério de Bagneux, nos arredores de Paris. No túmulo havia apenas uma pequena inscrição com o seu nome e a data da morte. Enquanto Robert Ross providenciava para enterrar Oscar Wilde em Bagneux, já tinha como finalidade de sua vida pagar as dívidas do amigo, acabar-lhe com a insolvência e publicar-lhe os livros de maneira conveniente; enfim reabilitar a memória de Oscar

Wilde, permitindo assim que seu espírito admirável se revestisse do brilhante manto da imortalidade.

Nove anos mais tarde, em 1909, após a liquidação das dívidas, os seus restos mortais foram trasladados para um lugar de honra no Cemitério de Père Lachaise - a última morada de descanso para homens e mulheres de génio. Esta é a maior prova de reconhecimento de que Oscar Wilde foi grande poeta, dramaturgo e escritor. Sobre o túmulo foi erguido um monumento, pelo escultor Jacob Epstein, onde, como epitáfio, foram escritos quatro versos de **The Ballad of Reading Gaol**:

*And alien tears fill for him
Pity's long broken urn
For his mourners will be outcast men,
And outcasts always mourn.*

Oscar Wilde estava imortalizado.

Conclusão

Tempos vitorianos, época de uma rainha que ocupou o trono por longos anos, impôs à Inglaterra uma moral intocável, mas que não impedia de ser apenas aparente, a avaliar pela prática dos frequentadores da corte e da alta sociedade.

Oscar Wilde gozava de grande popularidade entre as pessoas da aristocracia. Não foram, contudo, as suas opiniões sobre a arte que agradavam à melhor sociedade londrina, e sim a sua unilateralidade na defesa dos preconceitos da oligarquia, senhora das terras, com total indiferença à reforma social.

Conservava-se acima das multidões com extravagante insularidade e, portanto, tinha a ousadia do invulgar, de chocar com inovações no vestir, na vaidade intelectual, transcendente a todos os outros, no comunicar-se onde as palavras eram revestidas de paradoxos inigualáveis. Tal orgulho pessoal feria os menos preparados, a ponto de levá-los à crítica pelo dolo das suas preferências sexuais. Na verdade, o escritor não queria apenas escandalizar os burgueses com palavras, mas com actos e assumiu abertamente a homossexualidade.

A paixão pelo jovem Alfred Douglas fê-lo ultrapassar os limites impostos e deixou-se levar pela irreverência do *Lord*, cujo objectivo era vingar-se de um pai que sempre o ultrajou e humilhou. Meteu-se em apuros para comprazer a seu amigo. Apelou para a lei com o objectivo de fazer com que o Marquês de Queensberry fosse

para a cadeia, contudo, foi Oscar Wilde o perdedor e acabou sendo encarcerado. Foi ele próprio quem se ofereceu à Justiça, com pleno conhecimento das consequências penais. Certamente que as lamentações de Oscar Wilde não foram contra a lei, mas contra o amigo que o comprometera, pondo fim à sua brilhante carreira de escritor e de dramaturgo.

Nos últimos meses da sua vida, afastado da vida pública e isolado no seu próprio mundo, Oscar Wilde volta a escrever com uma força ainda maior. A doçura do lirismo romântico, a suavidade e a leveza sentida nos seus contos deram lugar a um realismo doloroso, que expressa no seu célebre poema **The Ballad of Reading Gaol**.

O ambiente lúgubre das prisões fazia enlouquecer os prisioneiros e tornava-os incapazes de voltar normalmente à sociedade. A morte era benfeitoria no terror da prisão. O próprio poeta em ambiente tão inóspito, perdeu a identidade que o fez trocar o nome após o término da sua pena, como se ele não fosse mais o mesmo. Parecia um ser comum entre os comuns e não aquele que arrebatava os salões com suas palavras, com sua inteligência, com seu humorismo, com sua jovialidade encantadora e com uma extraordinária vivacidade.

Oscar Wilde deu à sua época um novo conceito de arte e com isso foi coerente ao buscar uma resposta no presente, e não no passado. Ele não se limitou ao seu país, ultrapassou fronteiras, as suas obras atemporais são ainda hoje conhecidas em toda a Europa e Américas, enquadradas não só na escola presente, mas precursoras de movimentos e correntes literárias futuras. As obras primas escritas por Oscar Wilde são lidas e estudadas, como marcas indeléveis de génio.

Para a sua própria geração, Oscar Wilde teria de ser um incompreendido, pois, anormalidades como a sua estavam fora dos limites da tolerância vitoriana. Hoje, segundo os novos conceitos, o escritor seria classificado não como um indivíduo de “mau carácter”, mas como “diferente”.

Todas as circunstâncias daqueles quarenta e poucos anos de vida devem ser analisadas para compreendermos como, quando o mundo parecia estar aos seus pés, voluntariamente se envolveu na catástrofe da sua carreira, colhido pela pífida trama do destino.

Notas

1. Oscar Wilde, “The Soul of Man under Socialism”, **The Soul of Man and Prison Writings**, ed. Isabel Murray, Oxford University Press, 1990, p.31.
2. Nihilismo (do latim nihil = nada), designação atribuída por Turgenev a um movimento secreto e revolucionário que surgiu na Rússia em meados do século XIX. Tratava-se de uma doutrina que não admitia opressão sobre o indivíduo e que repudiava as instituições sociais, tais como, o casamento e a autoridade paterna.
3. Parece provável ter sido Gray o inspirador do nome do herói do romance **The Picture of Dorian Gray**.
4. Durante o primeiro julgamento, Oscar Wilde foi questionado sobre a versão de **The Picture of Dorian Gray**. Edward Carson, o advogado de Queensberry, sugeriu que o escritor tinha revisto o texto com a finalidade de responder aos críticos que haviam achado a obra imoral. Oscar Wilde, contudo, contestou: “In one case, it was pointed out to me - not in a newspaper or anything of that sort, but by the only critic of the century whose opinion I set high, Mr. Walter Pater - that a certain passage was liable to misconstruction, and I made an addition”. Vinte anos antes, Walter Pater tinha retirado a “conclusion” dos seus **Studies in the History of the Renaissance** porque esta podia induzir a uma má interpretação (Oscar Wilde, “The Picture of Dorian Gray”. - Lippincott’s Monthly Magazine, First appearance of the novel - **Oscar Wilde: A Writer for the Nineties**, eds. Michael Cadden and Ann Jensen, Princeton University Library, 1995, p. 61).
5. Um dos poucos amigos de Oscar Wilde que, depois dos seus julgamentos, continuou a apoiá-lo. Harris escreveu memórias sobre a vida do poeta.
6. Douglas publicou os seus poemas enquanto esteve fugido do país, o que aconteceu durante o terceiro e o último dos julgamentos de Oscar Wilde. O volume bilingue

- (poesia em inglês com tradução em prosa em francês) incluía dois dos poemas de **The Chameleon**, que foram usados nos processos contra Oscar Wilde - *In Praise of Shame* e *Two Loves*. Wilde recusou a Douglas o pedido para lhe dedicar este volume.
7. Na altura os dramaturgos em voga eram Ibsen e Shaw. No entanto, os dramas sociais de Oscar Wilde eram apresentados à alta burguesia que ele criticava. **A Woman of No Importance**, **Lady Windermere's Fan** e **The Importance of Being Earnest** estrearam-se em dois dos mais elegantes teatros de West End - o Haymarket e o St. James - onde, entre os colaboradores de Wilde, incluíam muitos dos mais célebres actores do seu tempo: Herbert Beerbohm Tree, George Alexander (produtor de duas peças de Wilde, **Lady Windermere's Fan** e **The Importance of Being Earnest**, nesta desempenhando o papel de John Worthing), Marion Terry, Charles Hawtrey, Irene Vanbrugh, Evelyn Millard e Rose Leclercq.
 8. Escrita em francês em 1891, **Salom** foi inspirada na obra de Stéphane Mallarmé, **Herodiade**, que também tratava da decapitação de João Baptista, um tema favorito dos artistas e escritores franceses do século XIX (Moreau, Flaubert, Huysman, Laforgue). A criação da personagem de **Salom** permitiu a Oscar Wilde perder-se num sonho erótico de um amor proibido.
 9. **The Importance of Being Earnest** universalmente conhecida como uma das suas melhores peças de teatro, penetrando nos domínios da fantasia e elevando-se acima do artificialismo peculiar nas anteriores. Dedicou esta peça a Robert Ross, o seu primeiro amante masculino, que conheceu em 1886, em Oxford: "The dedication of the play is to Robert Baldwin Ross in appreciation and affection" (Oscar Wilde, "Letter to Leonard Smithers, 14 December 1898", **Oscar Wilde: A Writer for the Nineties**, eds. Michael Cadden and Ann Jensen, Princeton University Library, 1995, p. 57).
 10. Até ao século XIX, a ideia de amor entre duas pessoas do mesmo sexo era referido eufemisticamente "the sin not to be named among Christians". No século XIX, o termo utilizado era "sodomy". John Addington Symonds e Edward Carpenter foram figuras importantes na tentativa de encontrar um novo termo para o amor entre pessoas do mesmo sexo. Eles e os seus contemporâneos experimentaram muitos "rótulos", entre eles, "Uranian love", "inversion", "adhesiveness", "the intermediate sex", e "homosexuality". Oscar Wilde, em geral, apenas utilizava "love" para descrever seus sentimentos com homens por quem se sentisse atraído (Michael Cadden and Ann Jensen, "The Love that dare not to speak its Name", **Oscar Wilde: A Writer for the Nineties**, Princeton University Library, 1995, pp. 31-32).
 11. A explicação de Oscar Wilde ao usar o número de sua cela na prisão como um pseudónimo foi "...not a mere literary caprice, but the actual name for eighteen months of the man who wrote the poem" (Oscar Wilde, "Letter to Leonard Smithers, 19 November 1897", **Oscar Wilde: A Writer for the Nineties**, eds. Michael Cadden and Ann Jensen, Princeton University Library, 1995, p. 48).
 12. Nome do santo mártir referido no poema, **Keats's Grave**, e também inspirado no livro escrito pelo tio-avô de Oscar Wilde, C. R. Maturin, intitulado *Melmoth the Wanderer* (Karl Beckson, "Trial and Tribulations", **London in the 1890s: A Cultural History**, Routledge and Kegan Paul, 1992, p. 228).

Bibliografia

- BECKSON, Karl, (ed.). **London in the 1890s: A Cultural History**. London W.W. Norton and Company, 1992.
- CADDEN, Michael and Jensen, Ann (eds.). **Oscar Wilde: A Writer for the Nineties**. Princeton, Princeton University Library, 1995.
- DONOGHUE, Denis (ed.). **W. B. Yeats: Memoirs**. London, Macmillan, 1990.
- DUPUIGRENET-DESROUSSILLES, François. "Oscar Wilde *le scandaleux*". Paris *Magazine Litt raire* no. 343, Mai, 1996, pp. 18-54.
- ELLMANN, Richard (ed.). **Oscar Wilde**. London, Penguin Books, 1987.
- GAGNIER, Regenia (ed.). **Critical Essays on Oscar Wilde**. New York, MacMillan, 1991.
- HARRIS, Frank. **Oscar Wilde**. London, Robison Publishing, 1992.
- MURRAY, Isabel (ed.). **The Soul of Man and Prison Writings**. Oxford, Oxford University Press, 1990.

MURRAY, G. H. Pittock. **Spectrum of Decadence: the literature of the 1890s**. London, Routledge Cop., 1993.

RABY, Peter. **Oscar Wilde**. Cambridge, Cambridge University Press, 1988.

YEATS, William Butler. **Autobiographies**. London, Macmillan, 1989.

Títulos publicados:

- 1 · **A agricultura nos distritos de Bragança e Vila Real**
Francisco José Terroso Cepeda – 1985
- 2 · **Política económica francesa**
Francisco José Terroso Cepeda – 1985
- 3 · **A educação e o ensino no 1º quartel do século XX**
José Rodrigues Monteiro e Maria Helena Lopes Fernandes
– 1985
- 4 · **Trás-os-Montes nos finais do século XVIII: alguns aspectos económico-sociais**
José Manuel Amado Mendes – 1985
- 5 · **O pensamento económico de Lord Keynes**
Francisco José Terroso Cepeda – 1986
- 6 · **O conceito de educação na obra do Abade de Baçal**
José Rodrigues Monteiro – 1986
- 7 · **Temas diversos – economia e desenvolvimento regional**
Joaquim Lima Pereira – 1987
- 8 · **Estudo de melhoramento do prado de aveia**
Tjarda de Koe – 1988
- 9 · **Flora e vegetação da bacia superior do rio Sabor no Parque Natural de Montesinho**
Tjarda de Koe – 1988
- 10 · **Estudo do apuramento e enriquecimento de um pré-concentrado de estanho tungsténio**
Arnaldo Manuel da Silva Lopes dos Santos – 1988
- 11 · **Sondas de neutrões e de raios Gama**
Tomás d'Aquino Freitas Rosa de Figueiredo – 1988
- 12 · **A descontinuidade entre a escrita e a oralidade na aprendizagem**
Raul Iturra – 1989
- 13 · **Absorção química em borbulhadores gás-líquido**
João Alberto Sobrinho Teixeira – 1990

-
- 14 · **Financiamento do ensino superior no Brasil – reflexões sobre fontes alternativas de recursos**
Victor Meyer Jr. – 1991
- 15 · **Liberalidade régia em Portugal nos finais da idade média**
Vitor Fernando Silva Simões Alves – 1991
- 16 · **Educação e loucura**
José Manuel Rodrigues Alves – 1991
- 17 · **Emigrantes regressados e desenvolvimento no Nordeste Interior Português**
Francisco José Terroso Cepeda – 1991
- 18 · **Dispersão em escoamento gás-líquido**
João Alberto Sobrinho Teixeira – 1991
- 19 · **O regime térmico de um luvissole na Quinta de Santa Apolónia**
Tomás d'Aquino F. R. de Figueiredo - 1993
- 20 · **Conferências em nutrição animal**
Carlos Alberto Sequeira - 1993
- 21 · **Bref aperçu de l'histoire de France – des origines à la fin du II^e empire**
João Sérgio de Pina Carvalho Sousa – 1994
- 22 · **Preparação, realização e análise / avaliação do ensino em Educação Física no Primeiro Ciclo do Ensino Básico**
João do Nascimento Quina – 1994
- 23 · **A pragmática narrativa e o confronto de estéticas em *Contos de Eça de Queirós***
Henriqueta Maria de Almeida Gonçalves – 1994
- 24 · **“Jesus” de Miguel Torga: análise e proposta didáctica**
Maria da Assunção Fernandes Morais Monteiro – 1994
- 25 · **Caracterização e classificação etnológica dos ovinos churros portugueses**
Alfredo Jorge Costa Teixeira – 1994
- 26 · **Hidrogeologia de dois importantes aquíferos (Cova de Lua, Sabariz) do maciço polimetamórfico de Bragança**
Luís Filipe Pires Fernandes – 1996

-
- 27 · **Micorrização in vitro de plantas micropropagadas de castanheiro (*Castanea sativa* Mill)**
Anabela Martins – 1997
- 28 · **Emigração portuguesa: um fenómeno estrutural**
Francisco José Terroso Cepeda – 1995
- 29 · **Lameiros de Trás-os-Montes: perspectivas de futuro para estas pastagens de montanha**
Jaime Maldonado Pires; Pedro Aguiar Pinto; Nuno Tavares Moreira – 1994
- 30 · **A satisfação / insatisfação docente**
Francisco Cordeiro Alves – 1994
- 31 · **O subsistema pecuário de bovinicultura na área do Parque Natural de Montesinho**
Jaime Maldonado Pires; Nuno Tavares Moreira – 1995
- 32 · **A terra e a mudança – reprodução social e património fundiário na Terra Fria Transmontana**
Orlando Afonso Rodrigues – 1998
- 33 · **Desenvolvimento motor: indicadores bioculturais e somáticos do rendimento motor de crianças de 5/6 anos**
Vítor Pires Lopes – 1998
- 34 · **Estudo da influência do conhecimento prévio de alunos portugueses na compreensão de um texto em língua inglesa**
Francisco Mário da Rocha – 1998
- 35 · **La crise de Mai 68 en France**
João Sérgio de Pina Carvalho Sousa – 1999
- 36 · **Linguagem, psicanálise e educação: uma perspectiva à luz da teoria lacaniana**
José Manuel Rodrigues Alves
- 37 · **Contributos para um estudo das funções da tecnologia vídeo no ensino**
Francisco Cordeiro Alves – 1998
- 38 · **Sistemas agrários e melhoramento dos bovinos de raça Mirandesa**
Fernando Jorge Ruivo de Sousa – 1998

-
- 39 · **Enclaves de clima Cfs no Alto Portugal – a difusa transição entre a Ibéria Húmida e a Ibéria Seca**
Ário Lobo Azevedo; Dionísio Afonso Gonçalves; Rui
Manuel Almeida Machado – 1995
- 40 · **Desenvolvimento agrário na Terra Fria – condicionantes e perspectivas**
Duarte Rodrigues Pires – 1998
- 41 · **A construção do planalto transmontano – Baçal, uma aldeia do planalto**
Luísa Genésio – 1999
- 42 · **Antologia epistolográfica de autores dos sécs. XIX-XX**
Lurdes Cameirão – 1999
- 43 · **Teixeira de Pascoaes e o projecto cultural da “Renascença Portuguesa”**
Lurdes Cameirão – 2000
- 44 · **Descargas atmosféricas – sistemas de protecção**
Joaquim Tavares da Silva
- 45 · **Redes de terra – princípios de concepção e de realização**
Joaquim Tavares da Silva
- 46 · **O sistema tradicional de exploração de ovinos em Bragança**
Carlos Barbosa – 2000
- 47 · **Eficiência de utilização do azoto pelas plantas**
Manuel Ângelo Rodrigues, João Filipe Coutinho – 2000
- 48 · **Elementos de física e mecânica aplicada**
João Alberto Sobrinho Teixeira
- 49 · **A Escola Preparatória Portuguesa – Uma abordagem organizacional**
Henrique da Costa Ferreira – 2002
- 50 · **Agro-ecological characterization of N. E. Portugal with special reference to potato cropping**
T. C. Ferreira, M. K. V. Carr, D. A. Gonçalves – 1996
- 51 · **A participação dos professores na direcção da Escola Secundária, entre 1926 e 1986**
Henrique da Costa Ferreira – 2002

-
- 52 · **A evolução da Escola Preparatória – o conceito e componentes curriculares**
Henrique da Costa Ferreira – 2003
- 53 · **O Homem e a biodiversidade (ontem, hoje... amanhã)**
António Réffega – 1997
- 54 · **Conservação, uso sustentável do solo e agricultura tropical**
António Réffega – 1997
- 55 · **A teoria piagetiana da equilibração e as suas consequências educacionais**
Henrique da Costa Ferreira – 2003
- 56 · **Resíduos com interesse agrícola - Evolução de parâmetros de compostagem**
Luís Manuel da Cunha Santos – 2001
- 57 · **A dimensão preocupacional dos professores**
Francisco dos Anjos Cordeiro Alves – 2001
- 58 · **Análise não-linear do comportamento termo-mecânico de componentes em aço sujeitas ao fogo**
Elza M. M. Fonseca e Paulo M. M. Vila Real – 2001
- 59 · **Futebol - Referências sobre a orientação do jogo**
João do Nascimento Quina – 2001
- 60 · **Processos de cozedura em cerâmica**
Maria Helena Pires César Canotilho – 2003
- 61 · **Labirintos da escrita, labirintos da natureza em "As Terras do Risco" de Agustina Bessa-Luís**
Helena Genésio – 2002
- 62 · **A construção da escola inclusiva - um estudo sobre a escola em Bragança**
Maria da Conceição Duque Fernandes Ferreira – 2003
- 63 · **Atlas das aves nidificantes da Serra da Nogueira**
Domingos Patacho
- 64 · **Dialecto rionorês... contributo para o seu estudo**
Dina Macias – 2003

-
- 65 · A aquisição e o desenvolvimento do vocabulário na criança de 4 anos - Estudo de um caso**
Dina Macias – 2002
- 66 · Barbela, um trigo escravo - a cultura tradicional de trigo na terra fria bragançana**
Ana Maria Carvalho
- 67 · A língua inglesa, uma referência na sociedade da globalização**
Eliane Cristine Raab Pires – 2002
- 68 · Etnobotânica das aldeias da Moimenta da Raia e Rio de Onor**
Ana Maria Carvalho; Ana Paula Rodrigues
- 69 · Caracterização Biofísica da técnica de Mariposa**
Tiago Barbosa – 2004
- 70 · As inter-relações turismo, meio-ambiente e cultura**
Eliane Cristine Raab Pires – 2004
- 71 · Avaliação do impacte dos cursos de jovens empresários agrícolas em Trás-os-Montes**
Maria da Graça Ferreira Bento Madureira – 2004
- 72 · Do pai ao pior – 4 conferências**
Acílio da Silva Estaqueiro Rocha; José Manuel Rodrigues Alves; José Martinho; J. Gaglianone
- 73 · Alguns deícticos de lugar: Análise pragmática**
Dina Rodrigues Macias – 2004
- 74 · Fórum de psicanálise, sonho e criatividade – 100 anos sobre a ciência dos sonhos de Freud**
Vários autores organizados por José Manuel Rodrigues Alves
- 75 · Perspectiva pictórica**
Luís Manuel Leitão Canotilho – 2005
- 76 · Ética e psicanálise em Lacan: o desejo, o bem e a condição humana**
José Manuel Rodrigues Alves
- 77 · Oscar Wilde: a tragicidade da vida de um escritor**
Eliane Cristine Raab Pires – 2005